



Maria da Graça Carvalho: “Este ano Guillermo Fariña foi galardoado como o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento. O galardão é atribuído no final de cada ano, pelo Parlamento Europeu, a individualidades ou organizações que tenham dedicado a sua vida à defesa dos direitos humanos e à liberdade de pensamento”.

opinião



José Soeiro: “No próximo dia 23 de Janeiro vamos ter as eleições presidenciais. Aí está uma boa oportunidade de manifestar a nossa insatisfação, de dar coerência e continuidade nas urnas ao protesto popular que mobilizou o País ao longo de todo o ano e que teve ponto alto na greve geral de 24 de Novembro passado. Uma oportunidade soberana de dizer basta a esta política ruinosa e de afirmar pelo voto a nossa vontade de um novo rumo para o País”.

A saga dos activistas residentes

O psicólogo e jornalista cubano Guillermo Fariña, hoje, como o físico russo Andrei Sakharov, nos anos 60 e 70, pertencem aquela pléiade de intelectuais que, apesar de terem crescido e sido educados nas escolas oficiais dos estados comunistas e de terem ocupado, durante um período da sua vida, posições importantes nas instituições destas sociedades fechadas, não permitiram que as suas mentes e consciências ficassem reféns da realidade que os envolvia e ousaram confrontar o poder totalitário instituído com as ideias e as motivações em que o mesmo procurava alicerçar a sua legitimidade. O caminho que percorreram, alimentado pela reflexão sobre o equilíbrio entre os valores da humanidade e o respeito pelos direitos do homem, por um lado, e os meios e instrumentos que um poder instituído pode utilizar com legitimidade na condução da sociedade, por outro, levou-os à dissidência e ao activismo social e político dentro da sociedade que os formou e educou.

Optaram por lutar sem quartel, sem refúgio, sem santuário, dentro da sociedade que os criou, tentando modificá-la a partir de dentro. E assim sacrificaram a sua saúde, o seu conforto, a sua liberdade de movimentos, em suma, a sua vida física, em sucessivas contendas com poderes colossais.

Este ano Guillermo Fariña foi galardoado como o Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento. O galardão é atribuído no final de cada ano, pelo Parlamento Europeu, a individualidades

ou organizações que tenham dedicado a sua vida à defesa dos direitos humanos e à liberdade de pensamento.

A condição de dissidente cubano residente impediu Guillermo Fariña de estar presente na cerimónia que decorreu em Estrasburgo. Assim foi representado por uma cadeira vazia, na qual repousava a bandeira cubana.

Para quem vive numa sociedade livre é por vezes difícil conceber o grau de abnegação e sacrifício necessário para alcançar direitos que parecem naturais e óbvios, como a liberdade de expressão, de imprensa ou de acesso à Internet. Fariñas fez 23 greves de fome ao longo dos anos, tendo a última terminada, ao fim de 135 dias, depois de o governo de Havana ter anunciado a libertação de 52 prisioneiros políticos. Em 2006 entrou em greve de fome para protestar contra a censura na Internet e apelar à liberdade de acesso à Internet para todos. Nesse mesmo ano foi galardoado com o Prémio Ciber-Liberdade Repórteres sem Fronteiras.

Numa gravação em vídeo enviada ao Parlamento Europeu, Guillermo Fariñas pediu aos eurodeputados que, ao analisarem a política da UE em relação a Cuba, “não se deixem enganar pelos cantos de sereia de um regime cruel de comunismo selvagem”.

Segundo Fariñas, uma mudança de atitude face ao seu país só se justifica quando o regime cubano libertar todos os presos políticos e de consciência; renunciar às ameaças e à violência contra os opositores pacíficos dentro do país; anunciar que serão examinadas e revogadas todas as leis cubanas que são incompatíveis com a Declaração Universal dos Direitos do Homem e aceitar publicamente que todos os cubanos da diáspora têm o direito de participar na vida cultural, económica, política e social de Cuba.

O galardão conferido pelo Parlamento Europeu a Guillermo Fariñas não permitirá que a sua voz seja silenciada por um regime opressor. Pelo contrário, amplificará a sua voz e constituirá um factor de pressão para que o regime cubano abandone a política de constante violação dos direitos humanos. ▀

Fariñas fez 23 greves de fome ao longo dos anos, tendo a última terminada, ao fim de 135 dias, depois de o governo de Havana ter anunciado a libertação de 52 prisioneiros políticos. Em 2006 entrou em greve de fome para protestar contra a censura na Internet e apelar à liberdade de acesso à Internet para todos.

Ainda é possível um 2011 melhor para todos

Neste último dia de 2010, ano tenebroso para a generalidade dos portugueses, em particular para os desempregados, os trabalhadores, os reformados, os micro, pequenos e médios empresários e agricultores, gostaria de poder escrever: finalmente vem aí um ano melhor para todos.

Não é, no entanto, assim. O Orçamento do Estado para 2011, aprovado pelo PS e pelo PSD, com a conivência e aplauso de Cavaco Silva, aponta para um 2011 pior, constitui mais um pesado fardo para a generalidade do nosso povo, um travão ao nosso desenvolvimento económico e, em consequência, uma séria ameaça à nossa soberania e independência nacionais.

Infelizmente para todos nós, o que está no horizonte, fruto desta opção neoliberal de prosseguir a desastrosa política que conduziu o País à gravíssima crise económica e social que estamos a atravessar, é um ano de 2011 ainda pior que o ano de 2010 que hoje termina.

Nem mesmo a miséria dos 500 euros acordados para o salário mínimo, que deviam entrar em vigor no início do ano de 2011, vamos ter, pois, uma vez mais, a santa aliança do Bloco Central de Interesses se sobrepõe aos interesses de quem, nos dias de hoje, empobrece a trabalhar.

E no entanto, 2011 ser um ano ainda pior que 2010, não é uma fatalidade. É verdade que não faltam as habituais e doutas opiniões de especialistas, analistas e comentadores a tentar convencer-nos de que não há outros caminhos, de que os sacrifícios são indispensáveis, que estamos perante uma inevitabilidade. É a velha receita para nos conduzir ao conformismo e à aceitação passiva da política ruinosa em curso.

Talvez por isso seja oportuno lembrar causas e responsabilidades que estão na origem da gravíssima crise que estamos a atravessar. E para que se não diga que só agora, vivendo a crise, é que chamamos a atenção dos portugueses, com faz por exemplo Cavaco Silva um dos seus principais responsáveis, não resisto a fazer a transcrição de uma tese essencial, desenvolvida pelo PCP, há dezassete anos e que está plasmada na Resolução do seu Xº Congresso, realizado em Dezembro de 1983.

Afirmava-se então que “Uma política que aumenta a dívida externa e os seus encargos e, ao mesmo tempo, paralisa as actividades produtivas, diminui a produção nacional e abre o mercado interno a vultuosas importações completamente dispendíveis, condena irremediavelmente o país a

contrair novos empréstimos para cobrir os défices e portanto ao aumento da dívida e das obrigações anuais que comporta.”

A gravíssima situação que estamos a viver aí está a comprovar a justeza do alerta então lançado pelo PCP e a comprovar que, ao contrário do que PS e PSD nos procuram fazer crer, a crise resulta das opções políticas tomadas por ambos quando no governo e não de qualquer fatalidade ou conjuntura externa.

Mas o mais grave é que insistem em levar por diante a mesma política, impondo cada vez maiores e mais pesados sacrifícios ao povo, para não tocar nos interesses e privilégios dos grandes grupos económicos e financeiros e não afrontar os especuladores internacionais, eufemisticamente denominados mercado de capitais, que nos estão a espoliar.

É a esta fuga para a frente que anima a maioria dos dirigentes e responsáveis do PS e PSD que se impõe travar. É a esta ruinosa política que se impõe pôr fim. Ainda estamos a tempo de evitar o pior. Ainda estamos a tempo de fazer de 2011 um ano melhor para todos. E isso está nas nossas mãos.

Não é fácil, é verdade. Mas, como sempre afirmámos, dificuldade não é impossibilidade.

No próximo dia 23 de Janeiro vamos ter as eleições presidenciais. Aí está uma boa oportunidade de manifestar a nossa insatisfação, de dar coerência e continuidade nas urnas ao protesto popular que mobilizou o País ao longo de todo o ano e que teve ponto alto na greve geral de 24 de Novembro passado. Uma oportunidade soberana de dizer basta a esta política ruinosa e de afirmar pelo voto a nossa vontade de um novo rumo para o País.

Não é dizendo mal dos partidos, dos políticos e da política em geral que as coisas vão mudar. Não é deixando de intervir e de votar que as coisas mudarão. Os partidos, os políticos e os programas de governo não são todos iguais como iguais não são os candidatos à presidência da república que hoje aspiram ao nosso voto. Em democracia somos nós que escolhemos quem nos representa nos órgãos do poder. Somos por isso co-responsáveis pelas boas ou más escolhas que fazemos.

Em democracia quando um partido ou um político não respeita o nosso voto e não cumpre o que promete só há um caminho, é escolher outro.

Se temos hoje a situação que temos isso não se deve aos partidos, aos políticos e muito menos à democracia em abstracto mas a partidos bem concretos, o PS e o PSD, que governam o País há 34 anos e a políticos que têm nome, como Cavaco Silva que já leva dezasseis anos no poder, que tudo sabe e que tudo prevê, que tudo promete para o futuro mas que, mais do que ninguém, tem responsabilidades em relação à situação caótica em que o País se encontra.

Em democracia quem quer mudar de política tem que começar por usar o seu voto para mudar os políticos que nos têm governado e que têm afundado o País. Haja, por isso, coragem de mudar o sentido de voto, vençam-se tabus e preconceitos, escolham-se outros.

Comecemos já a 23 de Janeiro a construir um 2011 melhor para todos, derrotando Cavaco Silva, obrigando-o a uma segunda volta. Por mim, repito, o melhor e mais seguro caminho para alcançar este objectivo, será unir esforços no apoio ao candidato Francisco Lopes. ▀